Roland Barthes e as representações da alteridade

Maria Luiza Berwanger da Silva¹

RESUMO: Com base na leitura do texto *L'Étranger*, de Roland Barthes, este artigo examina representações do estrangeiro emergentes da produção teórico-crítica desse intelectual francês. Considera sobretudo a figura do Outro mediada pela amizade intelectual e pessoal que estabelece com Julia Kristeva. Para tanto, o artigo evidencia a contribuição de Julia Kristeva para o avanço da Semiologia Francesa, representando-a pelo projeto de renovação de paradigmas semiológicos cristalizados que impedem, segundo Barthes, a valorização da diferença. Este artigo também estuda textos de homenagem de Julia Kristeva a Roland Barthes, neles sublinhando a crítica da reciprocidade como critério de valor e « noyau dur » da reflexão barthesiana. Assim, o presente artigo estabelece um jogo de cartografias intelectuais e afetivas entre os dois semiólogos que enfatizam a recepção favorável à Alteridade articulada pelo pensamento plural (nacional e transnacional) de Roland Barthes.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade; Amizade; Diferença; Reciprocidade; Semiologia francesa; Semiologia globalizada.

Roland Barthes and the foreign representations

ABSTRACT: This article is based on the theoretical reading of the “L'Étranger” from Roland Barthes, with the objective to examine the foreign representations emergents from this french intellectual. It takes in consideration the foreign image mediated by the intellectual and personal friendship that was established by Roland Barthes with Julia Kristeva. In this sense, this article puts in evidence the contribution of Julia Kristeva to the development of the French semiotics based on the project of renovation of paradigms that refuses the national and the foreign differences. It discusses also the honor texts from Julia Kristeva to Roland Barthes, where she emphasizes the ethic from reciprocity as the “noyau dur” of Barthes thinking. With this purpose, this article presents an affective and intellectual cartography game that translates the favorable reception to the alterity articulated by the plural (National and Transnational) reflection of Roland Barthes.

KEYWORDS: Alterity; Friendship; Difference; Reciprocity; French semiotics; Global semiotics.

[...] Il y a un petit nationalisme de l'intelligentsia française, celui-ci ne porte pas, bien sûr, sur les nationalités (l'Onesco n'est-il pas, après tout, le Pur et Parfait Petit Bourgeois Français ?), mais sur le refus opiniâtre de l'autre langue. L'autre langue est celle que l'on parle d'un lieu politiquement et idéologiquement inhabitable : lieu de l'interstice, du bord, de l'écharpe du boitement : lieu cavalier puisqu'il traverse, chevauche, panoramise et offense (BARTHES, 1984, p. 197-200).

Extraído do estudo de Roland Barthes intitulado *L'Étranger*, este fragmento evidencia a eficácia incontestável de Julia Kristeva para o avanço da Semiologia, fixando na língua um dos possíveis fios mediadores para as representações da Alteridade. Na produção barthesiana, a recusa da língua do Outro, como imagem da recepção francesa desfavorável ao Estrangeiro, contrapõe-se à acolhida favorável de Barthes sobre a língua, reiterada ao longo de sua obra.

Configurar a língua não como « objet langue » única e cristalizada, mas como « objet-signe », plural e descristalizada, aquém e além de toda demarcação territorial e racial, reconhecer o espaço intervalar gerado pelo diálogo estabelecido entre uma língua com outra língua e com outras línguas, ritmado pela modulação de dom e troca, transformar a “tirania de um sentido único (« la tyrannie d'un sens unique ») em sentido plural (« sens pluriel »), dissipar “as intimidações da linguagem” (« les intimidations du langage ») pelo suave convívio do « comment vivre ensemble », eis certas perspectivas da reflexão sobre as línguas em Roland Barthes, as quais traduzem com exemplaridade sua ética de reciprocidade. Deste modo, depreende-se da celebração à Julia Kristeva, no estudo de Barthes, *L'Étranger*, um duplo projeto: o de evidenciar a produtividade do « discours kristévien » para a reconfiguração da Semiologia e o de brindar o leitor-pesquisador com certa indagação singular sobre as representações do Estrangeiro confessas e inconfessas.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Centro Universitário La Salle – UNILASALLE. E-mail para contato: mlsilva@portoweb.com.br.

Configuram-se como perspectivas ditas ou apenas insinuadas, mas que, de um modo ou de outro, articulam e dão a ver esta singularidade da reflexão barthesiana. Trata-se de valorizar o Outro pela eficácia de seu pensamento para a « intelligentsia » francesa e que a língua e os laços de amizade podem estampar. Logo, em Barthes, na base de toda recepção favorável ao Outro, encontra-se essa raiz rizomática que, se a força do trabalho tece, os fios da amizade desdobram, diminuindo a distância entre Mesmo e Outro, nacional e estrangeiro.

Visto sob esse ângulo do diálogo Alteridade/Eficácia/Amizade, Roland Barthes ressalta, no legado de Julia Kristeva à Semiologia, o desenho de um terceiro espaço por ela fundado entre “a História e a Revolução, o Estruturalismo e a Reação, o determinismo e a ciência, o progressismo e a crítica dos conteúdos”, espaço de descristalização e de relocalização de margens disciplinares distanciadas que a crítica estrangeira aproxima, entrecruzando-as; ou, nas palavras de Barthes: « orchestration finale », que Julia Kristeva imprime nos estudos semiológicos franceses, incidindo na valorização desse espaço intersticial do qual o trânsito entre margens opostas faz-se lugar da pluralidade de significado.

Do ponto de vista da ótica barthesiana, a inovação de Julia Kristeva consiste fundamentalmente em dois gestos: no da força de trabalho que desloca o significado único encaminhando à plurissignificação da linguagem e no da formalização teórico-crítica, um e outro gestos regidos pela incessante reciclagem dos fatos da linguagem; refazer e ressimbolizar, eis um dos valores de ordem agregados ao pensar semiológico canônico pela crítica búlgara para surpreender a emergência de toda nova germinação de um elemento teórico-crítico. Acentuar modos e formas distintas propostos à abordagem semiológica francesa por Julia Kristeva corresponde, igualmente, a evidenciar a destabilização que o « discours kristevien » provoca na zona de conforto de todo leitor nacional e transnacional. Julia Kristeva convoca-o ao acolhimento de percursos os quais sinalizam para a « intelligentsia » francesa a necessidade de visualizar o saber semiológico pelo âmbito de pressupostos teórico-críticos que não evoquem, segundo Barthes, « retours destructeurs » ou « coexistences contrariées », mas antes (e sobretudo) que incidam em « défigurations productives » que trazem em seu « noyau dur » o aprendizado do trabalho na diferença. Em uma palavra: lição que o olhar distante e alargado da crítica estrangeira introduz na paisagem intelectual da recepção francesa, captado do suave convívio entretecido pela produção eficaz e que a amizade sela com verdade.

Dádiva da diferença traduzida pela força do trabalho, de um lado, e consciência da reflexividade da linguagem, de outro lado, demarcam a exemplaridade deste texto de homenagem dedicado a Julia Kristeva, permitindo cartografar uma das prováveis figurações do Outro na produção de Roland Barthes captada do trânsito intelectual e pessoal estabelecido entre esses dois intelectuais.

Singular, esta produção do semiólogo francês sobre a semióloga búlgara tanto expressa a perspectiva que inova a prática semiológica, quanto a da « intelligentsia » francesa que se faz refratária a toda inovação provinda de uma linguagem distinta, já que não rompe a distância entre nacional e transnacional. Logo, aquém e além de diferenças geográficas, subjetivas e, sobretudo, linguísticas, o elogio à Julia Kristeva, no estudo *L'Étrangère*, permite a Barthes denunciar, enfatizando, o próprio elogio à força do trabalho do qual o valor comprovado dilui a diferença entre Mesmo/Outro e Outro/Mesmo.

Como em um coro de vozes, um diálogo é estabelecido entre este estudo de Roland Barthes e o próprio texto de homenagem que Julia Kristeva dedica a Roland Barthes, intitulado *La voix de Barthes* (Centre Roland Barthes, 18.11.2008). Nele, a narrativa sobre a descoberta desse elogio pela crítica estrangeira à sua obra completa o impacto do rito de homenagem. Como narra Julia Kristeva:

Je me vois m'envoler un jour de mai pluvieux et mélancolique, nulle part, solitude choisie autant que subie. Et découvrir soudain, dans l'avion, son texte « L'Étrangère », puisque c'est ainsi qu'il m'inscrit dans son œuvre et que *La Quinzaine Littéraire* venait de publier sans que rien ne me l'ait laissé prévoir.

Troublant contact, fugace et durable, avec une éthique non pas de combattant ou d'assureur social, mais, à des moments obscurs et sans portée immédiate, une éthique d'ami qui vous apprivoise (*La Voix de Barthes*, dans *Roland Barthes résolument moderne*) (KRISTEVA, 2008).

Nesse texto, a voz como grão seminal do elogio a Barthes, configura-a Julia Kristeva como: « lieu sublime de l'affect: traversée du corps et du sens, j'y entendais, j'y entends un antidote à la haine » (*La Voix de Barthes*, dans *Roland Barthes résolument moderne*) concedendo ao Outro a experiência da liberdade; vista pela relação língua/liberdade de expressão, faz-se « noyau dur » do pensar semiológico de Roland Barthes.

Vivenciada como que em certo espaço intersticial e de reconciliação em que Mesmo e Outro convivem harmoniosamente, através da visãobarthesiana sobre a prática semiológica considerada como « le courage léger de la forte perspicace », Julia Kristeva sublinha que, em Barthes, a Semiologia faz-se arquivo da vida pessoal e da vida intelectual. Deste modo, quando mais tarde, em outro texto de homenagem a Barthes, intitulado *Comment parler à la littérature avec Roland Barthes* (2013), texto que atualiza o estudo *Comment parler à la littérature* (1971), Julia Kristeva afirma: « Nul n'est prophète dans son pays », lê-se, sob esta afirmação, a própria confissão da voz que investe voluntariamente na força do trabalho como eixo diluidor da diferença entre o Próprio e o Alheio. Para Julia Kristeva, trata-se de investir em uma concepção distinta de Alteridade, fruto do estranhamento por ela própria experimentado e atenuado pelo vigor da reflexão centrada sobre a fertilidade de certa identidade compartilhada; tem consciência de que essa fisionomia mesclada configura a neutralidade de sentimentos e de pensamentos que contemplam Uno e Diverso. Atestam-no produções suas, como *Étrangers à nous-mêmes* (1988), *Le Génie Féminin I, II, III*, obras que evidenciam sua postura lúcida frente à condição de produzir na língua do Outro. Assim, em um jogo de ecos que restitui ao “amigo” a recepção favorável, em consonância com seu próprio pensamento sobre a Alteridade, Julia Kristeva traduz o pensamento de Barthes sobre o Estrangeiro pela imagem da « identité mobile ».

Em seu estudo, *Comment parler à la littérature avec Roland Barthes* (2013), Julia Kristeva representa esta imagem não como culto da literatura a uma identidade nacional, mas antes, como « culte de la langue et de sa littérature dans leur transvaluation perpétuelle par l'écriture et le discours interprétatif, analytique et critique qui l'élucident [...] nullement un dogme mais œuvre ouverte qu'est l'identité d'une vivante nation » (KRISTEVA, 2013, p. 51), em palavras que reiteram seu profundo projeto de renovação da Semiologia francesa com base em uma mudança nuclear do Uno frente ao Diverso. Observa-se, do mesmo modo, que a crítica recorta evidências da produção barthesiana quanto à postura de distanciamento ditada por toda atividade semiológica, consistindo na neutralidade a ser assumida pelo semiólogo, seja na fase de percepção de um conjunto de traços e sinais, seja na fase de escritura sobre o conjunto percebido, a fim de não estancar a inclinação natural de todo fato literário à migração do nacional ao transnacional e desse ao primeiro.

No que se refere a este aspecto, nota-se a insinuação de Kristeva quanto à inovação originada pela diversidade interpretativa articulada pela pluralização dos modos e formas de efetivar a abordagem semiológica, com base na resistência à ameaça da crise da « conscience de la parole » que denomina de « asymbolie » (KRISTEVA, 2013, p. 53). Julia Kristeva encontra em Barthes, justamente na visada crítica de língua e linguagem surpreendidas em permanente transformação pelo convívio da palavra do Mesmo com a palavra do Outro, esta força de resistência e de encorajamento ao sujeito contemporâneo. Para a crítica, Barthes compreende de modo antecipado a mudança de mentalidade da significação única à plurissignificação, conquanto valoriza o eixo da livre-leitura como livre-expressão da subjetividade isenta de cor de pele, gênero, geografia, língua e campo disciplinar. Portanto, seja na conferência de homenagem a Roland Barthes pronunciada em 2008, organizada pelo Centre Roland Barthes, intitulada *La voix de Barthes*, seja na publicação de *Tel Quel* (n.º 47), de 1971, *Comment parler à la littérature*, seja na atualização

desse mesmo ensaio em *Pulsions du Temps* (*Comment parler à la littérature avec Roland Barthes*, 2013), percebe-se, sob esta égide da homenagem, o desejo de estampar a travessia barthesiana como lugar matricial e mediador da liberdade de desdobrar seu discurso crítico, liberdade que proporciona desde sempre prazer e sedução a todo leitor próximo, distante e virtual. Assim, sob as palavras, quando diz:

Barthes transmet des effets de vérité et nous laisse partir avec une prime de plaisir en plus [...]. C'est Barthes – et après lui, il faut bien le reconnaître, personne –, qui nous donne des mots pour penser l'écriture, c'est-à-dire pour la percevoir telle qu'elle est : une descente aux enfers de l'innomable, cette marque ultime mais jubilatoire du néant qui déborde l'aventure humaine (KRISTEVA, 2013, p. 2)

lê-se esse impacto do livre pensar, provável diluente e descristalizador da diferença entre pensamento francês e pensamento estrangeiro.

Se pontuar a escritura como o espaço de convergência dos três textos de homenagem de Kristeva sobre Barthes remete, por um lado, ao mérito de Barthes de promover a « poesia do pensamento » (imagem de Georges Steiner), por outro lado, neles, esta evidência da escritura desdobrada e multiplicada já se deixa identificarpelo próprio jogo que Julia Kristeva estabelece entre « comment parler de la littérature » e « comment parler à la littérature ». Segundo a crítica, o caminho crítico demarcado por Barthes configura-se como palavra que se destina à literatura ou, dito de outro modo, como produção do discurso que valoriza a experiência subjetiva do crítico. Kristeva ressalta, no ato crítico proposto por Barthes, o desdobramento da « polyvalence » de uma obra, o que pressupõe representá-la pela perspectiva da mundialização. Do constante embate de fronteiras nacionais, disciplinares e subjetivas a transgredir, funda-se certo território no qual a mescla confere sustentabilidade ao jogo de subjetividades compartilhadas. (Transgredir, na transparência do elogio de Barthes tecido à « Estrangeira », correspondendo ao novo a agregar, com base na paisagem recartografada – teórica, crítica e poética – e fixada sobre a página em branco pela escritura.)

No rastro de Barthes, referindo-se à figura do crítico, Julia Kristeva trata de visualizá-lo como aquele que afirma a linguagem de seu desejo: ao fazê-lo, em gesto que deslê, relê e lê a palavra do Outro, Roland Barthes efetua sua prática de leitura transformadora de reinvenção em invenção. Percebe-se, sob esse destecer de Julia Kristeva, a presença confessa da reflexão barthesiana registrada, sobretudo, em *Critique et Vérité*, *Le Plaisir du Texte* e *Fragments d'un Discours Amoureux*, obras que atestam o efeito de liberdade doado a todo leitor de Barthes, quando a produção e o reconhecimento desse efeito passam pela experiência individual. Nela, a memória de leitura faz-se disponibilidade que busca decifrar o imaginário do Outro, ressimbolizando-o pela força do trabalho, do trabalho do leitor desdobrado e multiplicado como que por uma terceira mão que o retrabalha, tornando-o diverso sem, no entanto, retraindo a singularidade; expandida em meia voz, esta memória concede ao leitor-crítico o prazer do eco que fica. Assim, pois, recorta-se do diálogo, igualmente a meia voz, tecido entre os textos de homenagens trocados entre Roland Barthes e Julia Kristeva, esta representação da Alteridade que, afora distâncias geográficas, raciais e subjetivas, percebe, no convívio disciplinar, o traçado de caminhos de investigação a seguir e a desdobrar. Logo, a eficácia semiológica de Barthes sublinhada por Julia Kristeva cifra-se essencialmente na transformação de pensamentos cristalizados pela paisagem nacional, política, econômica e disciplinar em paisagem da subjetividade que percebe o real, pluralizando-o.

Os laços de reciprocidade tecidos e retecidos entre o semiólogo francês e a semióloga búlgara, elucidados com base nos textos examinados, estampam esta figura da Alteridade como imagem prismática de certo caleidoscópio do qual o movimento antecipa a reconciliação com o Outro. No fundo de todo ato de reconciliação, percebe-se a própria intimidade da autorreconciliação consigo próprio, sintetizando a busca do sujeito contemporâneo traduzida por Barthes, à luz de seu pensar cristalino: ser Outro em sendo o Mesmo. Deste modo, sob as palavras, quando diz em *Comment Vivre Ensemble* (2002): « Être

des étrangers c'est inévitable, nécessaire, désirable, sauf quand le soir tombe », lê-se a suavidade da voz, do « grain de la voix », que, ao conferir legitimidade à produtividade incontestável de Julia Kristeva, completa sua acolhida dehospitalidade ao estrangeiro, nas cartas trocadas com Leyla Perrone-Moisés e publicadas em *Com Roland Barthes* (2012). Nesta produção epistolográfica, o traço do suave convívio com esta crítica e tradutora brasileira de sua obra respalda, desdobrando, o lugar do estrangeiro na reflexão de Barthes Plural. Pluralizá-lo, pois, como desenho de lugares outros que o pensamento mundializado de Roland Barthes acolhe, multiplicando, eis a evidente perspectiva de pesquisa que se propõe ao pesquisador no sentido de recuperar modos, traços e figurações do Outro dos quais a amizade confessa com Julia Kristeva constitui a matriz germinal de possíveis e exemplares cartografias. Comprova este aspecto a obra intitulada *Album* (Inédits, correspondances et varia) de Eric Marty (2015), obra na qual o conjunto de documentos apresentados confirma ao mesmo tempo que desdobra a inclinação generosa do olhar barthesiano projetado sobre o Estrangeiro. Assim, pois, o presente ensaio constitui-se parte de um projeto de pesquisa mais amplo e em desenvolvimento, no qual o suave convívio intelectual e pessoal de Roland Barthes com Julia Kristeva entretido pela estreita relação entre amizade/alteridade vislumbra horizontes passíveis de certo agregar à indagação sobre a fertilidade do Estrangeiro para o pensamento contemporâneo. Trata-se de fixar, nesse prolongamento crítico mediado pelos laços de amizade intelectual, novos percursos da indagação que buscam inserir-se nos próprios caminhos desenhados pelo saber, hoje; recortam do diálogo tecido e retocado entre Roland Barthes e Julia Kristeva certa relocalização teórico-crítica e poética. (Leia-se a singularidade desse diálogo como elogio da diferença que respalda o lugar e a eficácia do Estrangeiro no pensamento barthesiano.) Contudo, aquém e além dessa perspectiva de natureza intelectual, percebe-se, igualmente, o traçado de uma outra perspectiva, essa de natureza humana que traduz o profundo afeto com que Roland Barthes articulava sua reflexão em certo espaço intervalar entre Mesmo e Outro aproximados, nesse estudo demonstrado pelo diálogo estabelecido com Julia Kristeva.

Visto desse ângulo, quando, nas cartas trocadas entre Roland Barthes e a « Étrangère » apresentadas no *Album* de Eric Marty, o crítico francês revela a preocupação com o estado de saúde da crítica estrangeira e o desgaste gerado pela produção incessante, percebe-se, sob este cuidado, a delicadeza da subjetividade maior de Roland Barthes e a valorização que dispensava à vida como certeza do pensar equilibrado e produtivo:

Je voudrais maintenant vous dire que je m'inquiète de votre santé ; je suis sûr que vous ne vous reposez pas assez ; vous devriez prendre deux mois de repos dans un établissement de repos ; j'ai été moi-même en sanatorium (ce qui n'est pas la même chose) et je vous assure qu'il n'y a là que l'on se repose, car il n'y a pas de repos efficace sans la conscience *méthodique, pragmatique* qu'on en a : il faut ici être un peu monologique au profit de la loi de santé (BARTHES, 2015, p. 328).

A este zelo de Roland Barthes responde Julia Kristeva em voz que mantém, com igual intensidade, a mesma modulação afetuosa nas palavras, quando diz:

Vendredi [1977]

Je m'arrache avec peine à *mes soucis* (désormais augmentés par un *objet d'amour* » qu'on appelle – dieu sait pourquoi avec fierté – maternel) et à la seule lecture – la seule où je me retrouve sincèrement – des *Fragments*, pour vous dire combien je suis heureuse de lire votre texte. Peut-être parce qu'il est le seul, aujourd'hui, qui m'extrait de l'exil, ce deuil de l'imaginaire, et me donne une terre qui est bien la vôtre – ni déferlement du délire passionnel, ni *terra incognita* du contact neutre, mais un rêve d'après sommeil, rêve matinal, clair déjà, où je me reconnais en étrangère mais aussi en délices.

Cela fait plus de dix ans (déjà !) que je vous lis, finalement toujours ainsi, à chaque sortie, et par la suite – un don de bonheur en éclairs.

Je vous embrasse de tout cœur (BARTHES, 2015, p. 328-329).

Imagens como as de « exil », « deuil de l'imaginaire » e « rêve matinal » nas quais ela se reconhece como « étrangère mais aussi em délices », bem como o sentimento de plenitude interior experimentado pela dupla pertença legitimada pelo amigo congregam-se, concedendo à Julia Kristeva certo « don de bonheur en éclairs ». Assim, pois, em Roland Barthes todo possível conflito da Alteridade encontra seu ponto de equilíbrio entre Próximo e Distante mediado pela certeza do conhecimento doado com afeto; como se toda operação cultural, ao se deixar articular pelo afeto como tradução de generosidade, respeito e ética, consolidasse a certeza da permanência e que este Colóquio Barthes-Plural (São Paulo, 2015) realizou com tanta eficácia.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. « L'Étrangère ». In: *Le bruissement de la langue*. Paris : Seuil, 1984. p. 197-200.
_____. *Album* (Eric Marty, Org.). Paris : Seuil, 2015.
_____. *Comment vivre ensemble* (Claude Coste, Org.). Paris : Seuil, Imec, 2002.
KRISTEVA, Julia. « Comment parler à la littérature ». In : *Pulsions du temps*. Paris : Fayard, 2013. p. 39-54.
_____. *La voix de Barthes*. (Conférence présentée dans : « Une soirée d'hommage à Roland Barthes », organisé par le Centre Roland Barthes à l'ENS, le 18 novembre, 2008, sous la présidence de Jean-Charles Darmon). Disponível em: <http://www.kristeva.fr/barthes.html>. Acesso em 09/12/2015.
PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.